

Entrevista a Neide Varela “professora das professoras”

Dra. Naire Jane Capistrano e

Ms. Nayde Solange Fonseca,

Natal/Brasil.



Neide Varela, “Professora das Professoras”, título recebido carinhosamente por suas alunas, ingressou na Universidade Federal do Rio Grande do Norte/UFRN, no ano de 1966. Graduada em Pedagogia/UFRN, concluiu o mestrado e o doutorado, ambos, na Universidade de São

Paulo/USP, com temáticas em torno da infância e alfabetização. Neide é uma precursora e pioneira quando se trata de Educação Infantil no Rio Grande do Norte/UFRN, propondo e firmando parcerias entre a UFRN e as secretarias do Estado e municípios do RN, alargando fronteiras para a expansão e extensão da formação docente da Educação Básica. No início dos anos 60, Neide participou da Campanha “De pé no chão também se aprende a ler”, experiência de Educação Popular na gestão de

Djalma Maranhão como prefeito de Natal. Na UFRN, Neide instalou o Programa de Pós-Graduação em Educação, do Departamento, hoje Centro de Educação, e foi a primeira coordenadora. Orientou mais de 80 dissertações de Mestrado e teses de doutorado em educação, em sua maioria, com foco na Educação Infantil. Ademais, a professora Neide Varela participou como membro da comissão de pesquisa do *Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa/ INEP*; membro de avaliação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior/CAPES; coordenadora do Centro Rural Universitário de Treinamento e Ação/CRUTAC/UFRN. Nos últimos anos, geriu o Programa de Qualificação Profissional para a Educação Básica, o PROBÁSICA/UFRN, que formou, aproximadamente, sete mil professores e professoras no RN. Em 11 de maio de 2012, finalizou suas atividades acadêmicas, como presidente de uma banca de defesa de doutorado.

Fale-nos da sua formação inicial e continuada.

Neide Varela:Bom, eu fiz curso de Pedagogia na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, e, em seguida, fiz mestrado em Psicologia Escolar, com concentração em aprendizagem verbal, e doutorado na mesma área, na Universidade de São Paulo, entre os anos de 74 a 77.

Conte-nos sobre sua vida universitária. Como foi o ingresso? Como se deu a escolha?

Neide Varela:Eu escolhi o Curso de Pedagogia, porque me dava acesso a estudos de matemática, uma área que eu sempre me dediquei muito. Sempre gostei muito, mas, durante a permanência do curso, eu comecei a me envolver com a Psicologia, devendo muito a alguns professores que tive como: Professor Quinho Chaves e a Professora Elza Sena. Eu me envolvi com a Psicologia e daí eu comecei a aprofundar meus estudos e continuei esses estudos em nível de Pós-graduação, exatamente na área de Psicologia, só que na Psicologia Escolar. Sempre a Psicologia voltada pra Educação. Da minha vida universitária, tenho assim algumas

coisas que me marcaram muito. Como por exemplo, quando eu era universitária, participei ativamente de uma campanha de alfabetização e isso casou com a questão do estudo da Psicologia, com minha formação sobre a alfabetização de crianças e adolescentes. Então, eu participei da campanha, aqui em Natal, promovida pela Prefeitura durante a gestão do Prefeito Djalma Maranhão, Campanha de Pé no Chão também se Aprende a Ler. Então, a gente teve muito acesso ao Secretário de Educação, Moacyr de Góes, que participava ativamente nos locais, onde funcionavam os cursos de alfabetização de adultos e de crianças. Nesse tempo eu ainda era estudante da Faculdade. Essa foi uma atividade que me marcou muito.

E como foi o seu início como professora universitária?

Neide Varela:Como professora universitária eu participei durante dois anos do que eles chamavam de período probatório. Você se candidatava, era selecionada e participava como professor, espécie de monitor. Só que você já era formada. Então era um período probatório, durante dois anos, e eu participei com o Professor Quinho Chaves. Daí, então, a Universidade abriu um concurso e, neste concurso, eu fui admitida em 1969.

Como era a Universidade nesse período?

Neide Varela:Olha, a Universidade funcionava de uma forma muito fragmentada porque, apesar de ser uma universidade, cada faculdade tinha prédios separados. O campus universitário estava em construção. Se eu não me engano, em 1984, na gestão do Reitor Genaro Fonseca, começaram a funcionar os primeiros cursos na Universidade, e foram mais os cursos da área humanística, como, Pedagogia. Não existia ainda o curso de Psicologia na época. Ela foi criada muito depois. Os cursos que funcionavam na antiga faculdade de Filosofia, Ciências e Letras foram os primeiros a se

mudarem para o Campus. Eu era professora de Pedagogia e também de Serviço Social. Eu trabalhava com Psicologia da Personalidade, na Escola de Serviço Social.

E em relação a recursos, a acesso e intercâmbio com outras universidades? Como era isso?

Neide Varela:Na verdade, eu só comecei a manter intercâmbio, depois que eu fiz a minha Pós-graduação. Antes a gente mantinha relações de uma forma precária e fragmentada, à medida que as pessoas participavam de congressos. Então você fazia amizade e conseguia fazer coisas muito particulares. Depois que eu fiz minha Pós-graduação, é que eu me envolvi muito na Universidade de São Paulo com o pessoal do Departamento de Psicologia Escolar, principalmente com a minha orientadora, uma pessoa maravilhosa: Geraldina Porto Viter, e Geraldina deu muita força pra que a gente trouxesse cursos para a Universidade Federal, inclusive ela participou muito dos grupos de estudos para a formação do curso de pós-graduação em Educação. Ela participou de cursos e seminários. Ela deu muito assistência e esse intercâmbio era muito forte, entre a UFRN e a Universidade de São Paulo, também entre a Universidade Federal da Bahia, onde nós tínhamos colegas que faziam a Universidade em São Paulo, e a gente mantinha toda essa troca de experiências.

Nesse início, quais os principais problemas enfrentados na Universidade que consegue apontar?

Neide Varela:Biblioteca. A biblioteca era muito pobre. É tanto que, sempre que possível, a gente trazia material de outras Universidades. Durante o meu curso em São Paulo eu sempre trazia material que eu usava. Durante o período da minha pós-graduação, eu sempre trazia materiais e nós criamos, dentro do Departamento de Educação, um banco de livros, onde a gente colocava informalmente textos, doações de professores, e os alunos e outros professores tinham acesso àquele material. Era o pessoal contratado como assistente de serviços gerais (ASG) que tomava conta; não eram pessoas técnicas, pessoas especialistas na área, mas eram pessoas que, com a nossa orientação, faziam empréstimos e controlavam o retorno desse material para o banco de livros.

Como eram os estudantes quando começou a trabalhar? Percebe diferença do estudante do início dos anos 70 para os dos anos 80, 90, de hoje?

Neide Varela:Faz algum tempo que eu não estou em sala de aula. Ultimamente, meu contato com os alunos se dava mais pela relação orientando-orientador. Nesse sentido, eu não sinto diferença. No entanto, em algumas pessoas, em alguns professores hoje, notam-se diferenças marcantes relacionadas à falta de respeito, de violação de direitos. Mas, eu não tive a oportunidade de ver esse tipo de coisa.

Quais as disciplinas ensinou?

Neide Varela:Eu ensinei Psicologia Educacional 1, 2 e 3, que envolvia Psicologia do Desenvolvimento, Psicologia da Personalidade e Psicologia da Aprendizagem que era meu *xodó*.

Foi através do trabalho com Psicologia - Psicologia do Desenvolvimento, Psicologia da Aprendizagem... – que considera ter, como professora atuando no curso de Pedagogia, contribuído na formação de professores de crianças?

Neide Varela:É, sempre o enfoque era a Educação. Então, quando a gente trabalhava, era sempre na área escolar, o desenvolvimento dentro do âmbito escolar.

O que sente mais satisfação na sua vida como professora universitária?

Neide Varela:É exatamente a relação, a descoberta das pessoas, a interação que você faz com as pessoas. É, o humano, você descobrir a pessoa humana, como uma pessoa; você conviver. Eu acho que isso é muito importante, você se manter em harmonia com seus colegas, com seus alunos. Eu acho que isso é muito importante.

A sala de aula faz falta?

Neide Varela:Faz, faz falta. Mas, eu acho que eu estou em um estágio de vida, que outras coisas estão substituindo um pouco. Muito embora eu não deixe de manter contato com minhas antigas alunas, em situações sociais, festinhas, etc. Eu estou com outra perspectiva de vida, fazendo outras coisas na minha vida, que eu acho que eu mereço fazer.

Atualmente as políticas universitárias vão incorporando a pesquisa como uma das prioridades, como um dos papéis fundamentais. Nesse tripé ensino-pesquisa-extensão, a pesquisa tem ocupado um lugar importante. Em sua opinião, qual o papel que ocupa a pesquisa, a investigação, na vida universitária?

Neide Varela:Eu acho que é muito importante a pesquisa, porque eu acho que dá uma autonomia a quem busca o saber, leva você a descobrir relações. Mas eu acho que você não pode deixar de lado, desprezar aquilo que já foi descoberto antes. A pesquisa anterior vai fundamentar; vai proporcionar um encadeamento às novas descobertas. Eu nunca vi em nenhum momento da minha história profissional uma diferenciação ou uma ruptura entre o que foi pesquisado e o que você pode adquirir através do ensino e da pesquisa que você pode fazer, das novas descobertas que você pode fazer. Eu acho que é uma via de mão dupla.

Como é que você percebe essa transformação, essa evolução da pesquisa na Universidade?

Neide Varela:Era muito difícil você fazer pesquisa na Universidade, logo que eu iniciei. Era difícil financiamento pelas agências CNPq¹, CAPES etc. Existia um certo preconceito

¹CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, órgão ligado ao Ministério da Ciência e

de alguns grupos que participaram dessas instituições em relação às universidades do nordeste brasileiro. Então, você tinha que lidar com muita força, conseguir pessoas que lhe indicassem e dissessem que seu trabalho era sério, para conseguir financiamentos. Bolsa de iniciação científica? Você tentava... Eu cheguei a conseguir algumas, mas a gente tinha um caminho muito longo para percorrer até conseguir. Hoje eu vejo que as pessoas têm muito mais facilidade e que existe uma noção assim, de igualdade entre as universidades do Brasil, independente da região a que elas pertencem. Esse preconceito eu senti quando fui fazer meu curso em São Paulo. Senti de algumas pessoas, alguns professores, alguns grupos de alunos; senti preconceito em relação ao pessoal do Nordeste. É tanto que havia assim uma junção muito grande de pessoas do Nordeste: Bahia, Pernambuco etc., porque a gente tinha que se fortalecer. Hoje eu vejo isso muito mais dissipado, e eu acho que isso favorece o crescimento das universidades de uma maneira geral.

A que você atribui essa mudança em relação às universidades do Nordeste?

Neide Varela: Eu acho que a força que as Universidades começaram a ter e a demonstração de que, apesar de serem do Nordeste, os professores e alunos têm condições de produzir. E produzem coisas sérias e fazem trabalhos sérios.

Conte-nos um pouco da criação do Programa de Pós-graduação.

Neide Varela: Existia uma competição na época. Quando eu cheguei logo de São Paulo, em discussões com colegas do Departamento de Educação, a gente pensou em criar uma base de pesquisa que fosse forte e a partir daí a gente começou a pensar na organização de um curso de pós-graduação. Nesse ínterim, o reitor da época, Domingos Gomes, trouxe um grupo de um mestrado de Tecnologia Educacional de São José dos campos que havia terminado, o curso tinha se extinguido. Ele trouxe para Natal e com esse grupo eles queriam montar um Mestrado em Tecnologia Educacional, o que não interessava ao grande grupo, do Departamento, inclusive a mim que fazia parte desse grupo, e ficou o impasse desse grupo de tecnologia educacional e o grupo do Departamento. Então, o reitor queria a criação de curso de pós-graduação, porque Paraíba e Pernambuco já estavam criando e ele queria no Rio Grande do Norte. Nós inicialmente queríamos criar a base de pesquisa. Então, ele colocou um desafio: ou vocês assumem criar o curso de pós-graduação ou nós vamos pedir ao grupo que veio de fora a criação de um projeto de implementação do curso de pós-graduação. Então, a gente fez uma reunião e resolveu que iria assumir e deram-me a coordenação do grupo. Então havia uma parte do grupo que era formada pelo pessoal da UFRN - Maria Isaura, Paulo de Tasso e outras pessoas – e pelo pessoal que veio de São José dos Campos, inclusive nos tornamos muito amigos, posso citar o nome de Arnon, um grande amigo, uma pessoa maravilhosa; Zé Castro... Era um grupo grande. Então era preciso conduzir com muita diplomacia, para que não houvesse uma ruptura e apresentasse um projeto de criação no prazo marcado. Nós conseguimos!

E aí era um Programa de Pós Graduação em Educação?

Neide Varela: Não, era um Curso de Mestrado em Educação. Como eles queriam que o Mestrado fosse em Tecnologia Educacional e a gente já estava iniciando uma base de Pesquisa em Educação Pré-escolar, então nós fizemos o Projeto com duas áreas de concentração, uma área de concentração em Tecnologia Educacional, que privilegiava exatamente esse grupo e uma área em Educação Pré-escolar que era a área que estava iniciando uma base de pesquisa. Então, por isso, o Mestrado em Educação tinha duas áreas de concentração: Tecnologia Educacional e Educação Pré-escolar.

Neide Varela: Havia seleção com provas escritas e provas orais. A gente tinha poucos doutores. Inicialmente a gente teve muitas dificuldades com a CAPES. Foram contratados professores visitantes de outras universidades para auxiliar nessa questão da orientação até que o grupo foi se formando e, ultimamente, o grupo é formado exclusivamente por doutores.

E a aceitação foi boa? Como foi a procura?

Neide Varela: Muito grande! Muito grande! Nós tivemos um ano que eu não me lembro se foi o segundo ou terceiro ano de seleção que eram 101 candidatos e 13 vagas, quer dizer é um número grande em relação ao número de vagas. As vagas eram abertas de acordo com as condições de orientação.

Falar em Programa de Pós-graduação é também falar de pesquisa. Quais os aspectos positivos e negativos da Pesquisa Universitária atualmente, o que você consegue ver?

Neide Varela: Ah, hoje eu acho que o Programa de Pós-graduação em Educação e o Centro de Educação, como um todo, é um Programa de pesquisa invejável. Eu gostaria muito de estar começando hoje nesse Programa. Porque é um Programa que tem possibilidade de financiamento, tem bolsista, tem estrutura, infraestrutura e todas as condições de trabalho, quer dizer, você pode pesquisar tranquilamente, dentro das condições da Universidade. Você tem tempo, porque no início não existia essa previsão de tempo para pesquisa. Aos poucos a gente foi conseguindo colocar o tempo de pesquisa dentro do nosso tempo total, de dedicação à universidade. Hoje o pessoal tem outras condições.

Ainda há quem pense que a tarefa de ensinar compete com a tarefa de investigar, de pesquisar. Como foi, no seu percurso, a organização do tempo para o ensino e a pesquisa?

Neide Varela: Eu acho que é preciso compreender o que é pesquisa e que não é um momento estanque, mas é, como já disse, uma continuidade, quer dizer, o que você já descobriu até aqui vai te levar a possibilidade de novas descobertas. Então, eu acho que o ensino e a pesquisa estão de mãos dadas. Quando você observa e aprende o que foi descoberto antes, você busca novos projetos, novas criações, novas descobertas.

Como você vê a situação da formação de professores no Brasil hoje? Quais os aspectos relevantes para melhorar a qualidade da formação dos professores?

Neide Varela: Nesses últimos anos como coordenadora geral do programa de qualificação profissional da Educação Básica, pude acompanhar o trabalho de professores formando professores de escolas públicas, das prefeituras, através de um convênio com a Universidade. Eu acho que precisa muito envolvimento daquelas pessoas que estão escolhendo ser professor, que realmente querem ser professor. Eu acho que preciso a intensificação da relação teoria e prática. Porque, na verdade, é importante, você não pode fazer uma cirurgia se você nunca cortou alguém. Como você pode ensinar se nunca entrou em uma sala de aula. Então eu acho que essa relação teoria e prática é uma coisa muito importante para formação de professor. É preciso que o professor formador realmente saiba fazer essa ligação entre a pesquisa, o ensino e toda a vinculação que ele tem com o aluno, com os familiares, com a própria escola, com a comunidade escolar.

Quando considera ter alcançado maturidade como professora universitária?

Neide Varela: É muito difícil... (emocionada) Nem sei. Eu acho que você sempre está crescendo. É um processo onde o dia a dia lhe traz descobertas. De repente você tem que retomar; é um processo que leva a vida toda.

Nesse processo de construção de ser professor, umas coisas vão ganhando espaços e outras vão perdendo, que coisas considera que ganharam espaço com o tempo e que coisas perderam?

Neide Varela: Eu acho que ser professor é uma profissão muito bonita, porque é uma forma de você levar as pessoas a fazerem descobertas, a outras descobertas. É um processo, digamos assim, muito fino, em que você se sente participante ativo nesse processo... A interação com seu aluno, o momento que você vê que seu aluno descobriu alguma coisa importante. Isso eu acho muito gratificante. Eu acho que ser Professor é uma profissão muito gratificante.

O que considera mais importante na tarefa de ser professor hoje? Que recado daria para quem é professor universitário?

Neide Varela: Eu destaco o princípio da empatia. Ele deve se colocar no lugar do outro, daquele que quer descobrir, daquele que está com dificuldade de descobrir; pensar no porquê dessa dificuldade. Eu acho que é um desafio muito, sabe, marcante na vida do professor. Você sair de você e você se colocar no lugar do outro.

Acerca das entrevistadoras



Naire Jane Capistrano

Doutorado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte/Brasil (2010), com estágio na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação de Coimbra/Portugal. Atualmente é professora titular do Núcleo de Educação da Infância da Universidade Federal do Rio Grande do Norte/Brasil. Tem experiência na área de Educação, atuando principalmente com os seguintes temas: formação docente, prática pedagógica em educação infantil, educação física, arte, ludicidade e brincadeira.



Nayde Solange Garcia Fonseca

Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte/UFRN(2006). Doutoranda na Universidade do Minho/Portugal, no Instituto de Educação - Desenvolvimento Curricular (2010 -2013). Atualmente é professora titular no Núcleo de Educação da Infância/UFRN. Atua principalmente nos seguintes temas: educação infantil, ensino e aprendizagem, arte, educação física, teatro, jogo, lúdico e memorial descritivo.